REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA, ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURA ESCRITA

ARTIGO

CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS DE BASE VERBAL NO PB E PE DO SÉCULO XIX

EPISTEMIC PARENTHETICAL CONSTRUCTIONS WITH VERBAL BASE IN BRAZILIAN AND EUROPEAN PORTUGUESE OF THE 19TH CENTURY

CRISTINA DOS SANTOS CARVALHO

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora da UNEB. E-mail: crystycarvalho@yahoo.com.br

ANA BEATRIZ TEIXEIRA BARBOSA PINTO

Graduanda em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (IC CNPQ/UNEB). E-mail: ana.barbosapinto@outlook.com

MARIANA DA SILVA SANTANA

Graduanda em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (IC CNPQ/UNEB). E-mail: marysantana017@gmail.com

RESUMO

O artigo investiga construções parentéticas epistêmicas de base verbal no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE) do século XIX, com foco nos verbos *achar*, *crer* e *imaginar*. Fundamentado na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), o estudo analisa qualitativamente dados extraídos do *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006). Os resultados indicam que esses verbos já funcionavam como parentéticos epistêmicos no século XIX, embora ainda sem alta produtividade quanto à variedade de subesquemas construcionais. Observou-se que tais construções operam como marcadores de opinião, incerteza/suposição e atenuação, desempenhando funções discursivo-pragmáticas de modalização e de gestão da responsabilidade enunciativa. A pesquisa evidencia a relevância dos parentéticos epistêmicos para a compreensão da dinâmica entre forma, significado e interação sociocomunicativa, contribuindo para os estudos de mudança linguística e de variação histórica no português.

Palavras-chave: Construções parentéticas epistêmicas; verbos cognitivos; linguística funcional; português do século XIX; modalização.

ABSTRACT

This article investigates epistemic parenthetical constructions with verbal base in Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP) of the 19th century, focusing on the verbs *achar* (to think), *crer* (to believe), and *imaginar* (to imagine). Grounded in Usage-Based Functional Linguistics (UBFL), the study qualitatively analyzes data drawn from the *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006). The results show that these verbs were already used as epistemic parentheticals in the 19th century, although not yet with high productivity in terms of constructional sub-schemes. It was observed that such constructions function as markers of opinion, uncertainty/supposition, and mitigation, performing discourse-pragmatic roles of modalization and management of speaker responsibility. The research highlights the relevance of epistemic parentheticals to the understanding of the dynamics between form, meaning, and sociocommunicative interaction, contributing to studies of language change and historical variation in Portuguese.

Keywords: Epistemic parenthetical constructions; cognitive verbs; functional linguistics; 19th-century Portuguese; modalization.

INTRODUÇÃO

Nas línguas humanas, existem construções que funcionam, nas interações sociocomunicativas, como estratégias linguísticas de veiculação do grau de conhecimento, crença, (in)certeza ou (des)comprometimento do falante/escritor em relação ao que é dito para o interlocutor (Carvalho; Oliveira; Almeida, 2022). Tais construções têm sido denominadas, na literatura linguística, de parentéticas epistêmicas e podem ser de base nominal, verbal, adjetival e adverbial (Carvalho, 2017; Fortilli, 2015, 2023).

Quando são de base verbal, as construções parentéticas epistêmicas são constituídas por verbos cognitivos codificados no presente do indicativo e na primeira pessoa do singular. Tais verbos, nos termos de Barbosa-Santos e Fortilli (2019, p. 630), “expressam processos mentais relacionados a raciocínios, percepções e conhecimentos do falante e podem, também, exprimir crenças e posicionamentos diante de um conteúdo”. Dentre esses verbos, podemos citar **achar**, **crer**, **imaginar**, **supor**, **pensar**, **julgar**, **calcular**, **deduzir** etc.

Neste trabalho, pretendemos analisar construções parentéticas epistêmicas com os verbos **achar** (01), **crer** (02), **imaginar** (03) no português brasileiro (PB) e europeu (PE) do século XIX. Como esses três verbos se mostraram produtivos como parentéticos epistêmicos em diferentes variedades – brasileira, europeia, angolana e moçambicana – do português dos séculos XX e XXI (Carvalho; Carneiro; Magalhães, 2020; Carvalho; Oliveira; Almeida, 2022), buscamos constatar se já havia essa produtividade no PB e PE do século XIX.

(01) [...] Éramos os únicos homens, e não só não nos vimos com prazer, mas até estou que nos repugnamos intimamente um ao outro. Henriqueta não me pareceu que o tratasse de um modo especial. *Ouvia-o com prazer, acho eu*; mas não me ouvia com desgosto ou aborrecimento, e a igualdade das maneiras tranquilizou-me nos primeiros dias. (PB, *Casa Velha*, Machado de Assis)

(02) [...] *Pará creio eu que* significou a grande abundância d'água, e foi primitivamente empregado para designar os lagos e porventura as vastas inundações do vale do Amazonas. Mais tarde os selvagens acrescentaram-lhe o verbo *nhanhe* - correr, e disseram *pará-nhanhe* - donde *paranã*, para designar as grandes massas d'água corrente, isto é, os rios caudalosos. (PB, *Ubirajara*, José de Alencar)

(03) [...] Não, hei-de dizer-te a verdade. Pois senti como um alívio desesperado, uma consolação cruel em a ver partir. *Senti o que imagino que deve sentir um enfermo depois da operação dolorosa em que lhe amputaram parte do corpo com que já não podia viver*, e que era forçoso perder ou perder a vida. (PE, *Garret: Viagens*, Almeida Garret)

Na nossa análise, alicerçamo-nos em pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), seguindo os estudos de Martellota (2011), Furtado da Cunha

e Bispo (2013), Traugott e Trousdale (2021 [2013]), entre outros. Também baseamo-nos em pesquisas sobre parentéticos epistêmicos, tais como as de Silva (2014), Fortilli (2015, 2023), Carvalho (2017), Carvalho, Carneiro e Magalhães (2020), Carvalho, Oliveira e Almeida (2022), entre outras. Do ponto de vista metodológico, adotamos uma abordagem qualitativa na análise dos dados. Como *corpus*, valemo-nos de textos escritos do PB e PE do século XIX, pertencentes ao banco de dados *Corpus* do Português (Davies; Ferreira, 2006).

Para a descrição do nosso objeto de investigação, inicialmente, expomos alguns conceitos e pressupostos da LFCU. Posteriormente, conceituamos e caracterizamos as construções parentéticas epistêmicas. Depois, explicitamos alguns aspectos metodológicos da pesquisa. Em seguida, apresentamos resultados da análise qualitativa dos dados. Logo após, tecemos as considerações finais em relação ao fenômeno analisado e aos resultados obtidos. Por fim, citamos as referências do trabalho.

NOSSA LINHA TEÓRICA: A LFCU

No cenário dos estudos linguísticos mais recentes, a LFCU constitui uma interlocução teórico-metodológica de postulados do funcionalismo norte-americano e da linguística cognitiva, sob o prisma da abordagem construcional da gramática. Tal interlocução tem sido possível porque, conforme mencionam Furtado da Cunha e Bispo (2013, p. 54), “essas duas correntes compartilham a concepção de que os usos linguísticos resultam de modelos convencionalizados com base na interface linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico”. Ainda nas palavras dos autores, “a inter-relação dessas três dimensões motiva a fixação de padrões gramaticais, via ritualização, a partir de ambientes interacionais específicos” (Furtado da Cunha; Bispo, 2013, p. 54).

Sendo assim, podemos dizer que a LFCU, alicerçada em pressupostos de base cognitivo-funcional, parte do pressuposto de que há uma relação entre comportamento linguístico, aspectos cognitivos e sociocomunicativos:

Nessa perspectiva, são levados em conta, na análise das línguas, aspectos relacionados a restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como aspectos associados à capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados. [...]. Mas é importante entendermos que esses aspectos de ordem cognitiva só se materializam na interação, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural. (Martellota, 2011, p. 56).

A LFCU assume o princípio de que a estrutura da língua é moldada e influenciada pela maneira como é usada. Desse modo, como a sua própria denominação já sinaliza, a LFCU, como pontua Martellota (2011), busca investigar a língua em uso, considerando a existência de uma relação

estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação. Nesse viés teórico, como lembram Carvalho, Carneiro e Magalhães (2020), a gramática

[...] é uma representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua, por isso, pode ser afetada pelo uso linguístico que os falantes podem realizar por meio de adaptações (BYBEE, 2006, 2010; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Considera-se, então, a gramática como uma estrutura que está sempre se adaptando às necessidades socio-comunicativas dos usuários de uma dada língua, o que significa dizer que, durante as interações, os falantes valendo-se de variados recursos gramaticais, (re)criam estruturas linguísticas para atingirem seus propósitos de comunicação. (Carvalho; Carneiro; Magalhães, 2020, p. 109).

Assim, na LFCU, temos a premissa de que a gramática e o discurso estão intimamente relacionados, já que a gramática está sempre mudando e adaptando-se às novas realidades de uso da língua. Nesse sentido, a língua é vista como um sistema dinâmico que está em constante evolução, desprendendo-se do conceito de sistema estático de regras.

No contexto teórico da LFCU, a construção é assumida como unidade básica da língua, entendida como uma rede de construções interconectadas e organizadas em rede. Construções linguísticas são definidas como pareamentos convencionalizados entre forma e significado (Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]). Nelas, observamos, então, uma correlação entre propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas (forma) e semânticas e discursivo-pragmáticas (significado). A respeito das construções, Furtado da Cunha e Bispo (2013) afirmam:

Adquirimos as construções através de um processo de categorização baseado em instâncias aprendidas, de modo que padrões frequentes no uso interacional da língua são estocados como parte do repertório linguístico do falante. As construções são, portanto, concebidas como esquemas cognitivos do mesmo tipo que encontramos em outras habilidades não linguísticas, ou seja, como procedimentos relativamente automatizados que se utilizam para realizar coisas comunicativamente. O falante adquire esse conhecimento à medida que aprende a usar a sua língua. (Furtado da Cunha; Bispo, 2013, p. 58).

As construções de uma língua organizadas em rede se distribuem a partir de uma hierarquia construcional, na qual há diferentes níveis de esquematicidade: esquemas, subesquemas e microconstruções (Traugott; Trousdale, 2021 [2013]). Nessa hierarquia, conforme proposição dos autores, esquemas (grupos abstratos, semanticamente gerais de construções) se dividem em subesquemas (conjuntos de construções específicas de comportamento similar em relação a aspectos semânticos e/ou sintáticos), que, por sua vez,

licenciam microconstruções (construções individuais). As microconstruções são instanciadas em contextos sociocomunicativos reais de fala e escrita por construtos (ocorrências empiricamente atestadas).

Entre as construções que são adquiridas e empregadas por usuários da língua portuguesa (em suas distintas variedades), podemos citar, como exemplo, as construções parentéticas epistêmicas, das quais trataremos na próxima seção.

NOSSO OBJETO DE ESTUDO: AS CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS

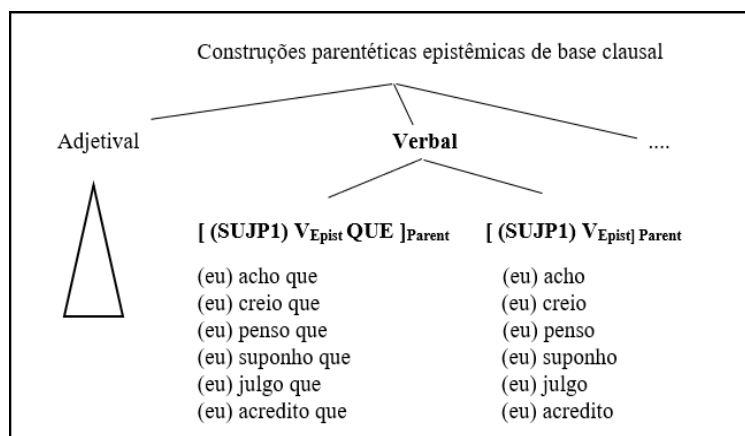
As construções parentéticas epistêmicas assinalam o grau de conhecimento, crença ou comprometimento do falante/escritor acerca da informação transmitida ao ouvinte/leitor (Silva, 2014; Fortilli, 2015; Carvalho, 2017). No que concerne à sua configuração morfossintática, quando são de base verbal, tais construções apresentam diferentes verbos cognitivos – **achar, crer, imaginar, supor, pensar, julgar, calcular, deduzir** – codificados na primeira pessoa do singular e no presente do indicativo. A esse respeito, Barbosa e Fortilli (2018) destacam:

É importante notar que o uso parentético tem forma fixa: trata-se do verbo na primeira pessoa do singular no presente do indicativo. Isso ocorre porque, nesse formato, o verbo é capaz de instanciar sinais da atitude do falante diante da proposição, o que parece não ocorrer em outras configurações mórficas do verbo. (Barbosa; Fortilli, 2018, p. 410).

Sobre as construções parentéticas epistêmicas verbais, Fortilli (2015, p. 1069) afirma que elas “atuam como construções formulaicas, em que o verbo, ainda que conserve traços de seu significado proposicional, vai adquirindo como principal atributo a manifestação do falante e sua forma de lidar com a interação, com o ouvinte”. Nessa mesma direção, Barbosa-Santos e Fortilli (2018) ressaltam que, quando parentetizados, os verbos cognitivos adquirem um “traço que expressa significados modais epistêmicos, por evidenciarem traços de subjetividade e crença do falante” (Barbosa-Santos; Fortilli, 2018, p. 228).

Neste trabalho, assumimos, com Carvalho (2017) e Carvalho e Braga (2020), que os parentéticos epistêmicos verbais podem ser descritos sob o prisma construcional, podendo ser representados pelo padrão $[(S_{U_{P1}}) V_{Epist} (QUE)]_{Parent}$, em que observamos uma correlação entre forma e significado. Nesse padrão construcional, temos a forma codificada por verbo epistêmico/cognitivo na primeira pessoa do singular e o significado da construção parentética atrelado à atitude do falante/escritor a algo enunciado, podendo indicar sua opinião, incerteza/suposição ou atenuação de alguma informação.

Quanto à rede construcional dos parentéticos epistêmicos de base clausal verbal, Carvalho (2017) considera que as construções parentéticas epistêmicas apresentam dois subesquemas construcionais – $[(S_{U_{P1}}) V_{Epist} (QUE)]_{Parent}$ e $[(S_{U_{P1}}) V_{Epist-Parent}]_{Parent}$ –, conforme podemos ver na Figura 1.

Figura 1: Hierarquia construcional de construções epistêmicas de base clausal verbal

Fonte: Carvalho (2017, p. 33).

Observamos, na Figura 1, que, conforme citado pela autora, a propriedade que distingue os dois subesquemas construcionais é a presença de complementizador **que** no primeiro subesquema e ausência desse complementizador no segundo subesquema. Essa é inclusive uma das características sinalizadas por Barbosa (2023, p. 105) para as construções parentéticas epistêmicas de base verbal: “[...] diferentemente das demais, podem funcionar com ausência e presença de complementizador”.

Além dos subesquemas supracitados para as construções parentéticas epistêmicas, há outros dois com o sujeito posposto, como mencionam Carvalho, Oliveira e Almeida (2022): (2022): [V_{Epist} SU_{JP1} QUE]_{Parent} e [V_{Epist} SU_{JP1}]_{Parent}, microconstruções como **acho eu que** e **acho eu**, respectivamente. Tais subesquemas também se diferenciam pela presença/ausência do **que**.

No Quadro 1, citamos, com base em Carvalho, Carneiro e Magalhães (2020), outras propriedades das construções parentéticas epistêmicas, associadas aos eixos da forma e do significado.

Ressaltamos que, como não estamos trabalhando somente com construções parentéticas epistêmicas quase-asseverativas (as que marcam incerteza/suposição e atenuação), como foi feito no estudo de Carvalho, Carneiro e Magalhães (2020), inserimos no Quadro 1 o valor semântico de opinião para que pudéssemos abranger as construções aqui investigadas como um todo. Outra observação a ser feita é que, conforme a definição de construção – pareamento entre forma e significado (Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2021 [2013]) – mencionada na seção anterior deste trabalho, as propriedades dos eixos da forma e do significado apresentadas para as construções aqui investigadas se imbricam. A título de ilustração, observamos que, como essas construções são antecedidas por pausa (propriedade fonológica), elas podem funcionar como marca de hesitação em relação ao que está sendo dito pelo falante/ escritor para o seu interlocutor (propriedade discursivo- pragmática). Outra relação evidenciada é que, a depender

Fonte: As autoras, adaptado de Carvalho, Carneiro e Magalhães (2020, p. 116).

	PROPRIEDADES	CONSTRUÇÕES PARENTÉTICAS EPISTÊMICAS
F O R M A	SINTÁTICAS	Mobilidade posicional na sentença: - Posição intercalada (subesquemas 1 e 2) - Posição final (subesquema 2) Escopo da oração ou de um constituinte oracional
	MORFOLÓGICAS	Cristalização de tempo verbal e pessoa gramatical - Verbo no tempo presente do indicativo - Verbo na primeira pessoa do singular Explicitude/omissão do EU Presença/ausência do complementizador QUE
	FONOLÓGICAS	Traço prosódico: - Marcadas por pausa
S I G N I F I C A D O	SEMÂNTICAS	Presença de verbo epistêmico (também chamado de atividade mental ou cognitivo) Marca de incerteza Marca de opinião
	DISCURSIVO-PRAGMÁTICAS	Estratégia de atenuação da informação Marca de hesitação Função (inter)subjativa: - Redução da responsabilidade do falante/ escritor - Sinalização da “atitude” do falante/ escritor em relação ao que é dito para o interlocutor (ouvinte/leitor).

Fonte: As autoras, adaptado de Carvalho, Carneiro e Magalhães (2020, p. 116).

da posição sintática do parentético epistêmico, o escopo sintático pode incidir sobre a sentença como um todo ou um constituinte dessa sentença (propriedade sintática) e, consequentemente, a incerteza, a hesitação ou atenuação podem recair na sentença ou em algum dos seus constituintes (propriedade semântica e discursivo-pragmática). Na seção de análise dos dados do PB e PE do século XIX, retomaremos algumas das propriedades citadas no Quadro 1.

Na próxima seção, exporemos questões referentes à metodologia da pesquisa realizada.

METODOLOGIA

A LFCU, tendo em vista os seus postulados teóricos, concentra a análise de fenômenos linguísticos em situações reais de interação comunicativa, partindo do entendimento de que

[...] as formas linguísticas são motivadas por fatores de natureza diversa – não apenas comunicativos ou sociais, mas também cognitivos, estruturais e históricos. Esses fatores, em conjunto, atuam de modo diverso nos diferentes contextos de comunicação, complementando-se em uns casos e anulando-se em outros. Isso significa que é importante adotar uma metodologia que leve em conta não apenas a interdependência desses fatores, mas sua atuação contextualmente diferenciada. (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013, p. 21).

Neste estudo, orientamo-nos por pressupostos metodológicos da LFCU e desenvolvemos uma pesquisa empírica com enfoque sincrônico. Nesse intuito, analisamos dados empíricos do século XIX representantes das variedades brasileira e europeia do português.

Sendo assim, como *corpus*, utilizamos textos escritos do PB e PE do século XIX, integrantes do banco de dados *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006). Tal acervo reúne uma base de dados com textos que ilustram diferentes gêneros

(literários, jornalísticos, digitais etc.), séculos (XIII ao XXI) e variedades do português (brasileira, europeia, angolana e moçambicana) e se encontra dividido nos seguintes *corpora*: Gênero/Histórico, *Web/Dialetos*, *Now* e *WordAndPhrase* (cf. Figura 2). Nesta pesquisa, examinamos dados da interface Gênero/Histórico, extraídos de textos pertencentes ao gênero literário de escritores como Machado de Assis, José de Alencar, Coelho Neto, Almeida Garret, Júlio Dinis, Eça de Queirós, entre outros.

Para a execução da pesquisa, adotamos uma abordagem qualitativa na análise do nosso objeto de estudo e percorremos os seguintes passos metodológicos: (i) revisão de literatura, que acontece durante todo o período de execução da pesquisa; (ii) levantamento de ocorrências dos verbos **achar**, **crer** e **imaginar**; partimos de um levantamento inicial de 200 ocorrências para cada verbo examinado; (iii) distinção entre usos parentéticos e não parentéticos desses verbos; (iv) fichamento dos trechos com parentéticos epistêmicos encontrados com os três verbos estudados; (v) identificação das funções semântico-pragmáticas desses parentéticos nos trechos fichados; (vi) análise qualitativa dos dados. Nessa análise, como mostraremos na próxima seção, buscamos, então, identificar as tendências de uso das construções parentéticas epistêmicas aqui investigadas no PB e PE do século XIX.

ANÁLISE DOS DADOS

Na língua portuguesa, alguns dos verbos que têm sido recrutados nas construções parentéticas epistêmicas, como já mencionamos, são **achar**, **crer** e **imaginar**. Nos dados do PB e PE examinados, atestamos ocorrências de construções parentéticas epistêmicas com esses três verbos instanciadas em diferentes microconstruções, como podemos ver no Quadro 2.

As microconstruções encontradas na amostra da nossa pesquisa são licenciadas por diferentes subesquemas construcionais (Carvalho, 2017; Carvalho; Oliveira; Almeida, 2022), como mostra o Quadro 3:

Figura 2: *Corpora* do banco de dados *Corpus do Português*



Fonte: *Corpus do Português* (Davies; Ferreira, 2006).

Quadro 2: Microconstruções com os verbos **achar**, **crer** e **imaginar** encontradas no *corpus*

Microconstruções		
Verbos	PB	PE
ACHAR	acho eu, acho eu que, acho que	acho eu que, acho eu,
CRER	creio eu, eu creio, creio eu que	eu creio que, creio que, creio, creio eu
IMAGINAR	eu imagino, imagino	imagino que

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Quadro 3: Distribuição de subesquemas e microconstruções de construções parentéticas epistêmicas com os três verbos analisados no PB e PE do século XIX

Verbos epistêmicos	Subesquemas e microconstruções			
	[(SUJ _{P1}) V _{Epist} (QUE)] Parent		[V _{Epist} SUJ _{P1} (QUE)] Parent	
	[(SUJ _{P1}) V _{Epist} (QUE)] Parent	[(SUJ _{P1}) V _{Epist}] Parent	[V _{Epist} SUJ _{P1} (QUE)] Parent	[V _{Epist} SUJ _{P1}] Parent
achar		eu acho (PE) acho (PE)	acho eu que (PB/PE)	acho eu (PB/PE)
crer	eu creio que (PE) creio que (PE)	eu creio (PB) creio (PE)	creio eu que (PB)	creio eu (PB/PE)
imaginar	imagino que (PE)	eu imagino (PB) imagino (PB)		

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Observando o Quadro 3, verificamos que os três verbos aqui estudados exibem comportamento diferenciado em relação aos subesquemas das construções parentéticas epistêmicas:

(i) **crer** ocorre com os subesquemas [(SUJ_{P1}) V_{Epist}] Parent e [V_{Epist} SUJ_{P1}] Parent no PB e PE; todavia, não há registro desse verbo com os subesquemas [(SUJ_{P1}) V_{Epist} (QUE)] Parent e [V_{Epist} SUJ_{P1} (QUE)] Parent no PB e PE, respectivamente;

(ii) há ocorrências de **achar** com os dois subesquemas do padrão [V_{Epist} SUJ_{P1} (QUE)] Parent no PB e PE e apenas com

um dos subesquemas – [(SUJ_{P1}) V_{Epist}] Parent – do padrão [SUJ_{P1} V_{Epist} (QUE)] Parent no PE;

(iii) **imaginar** é empregado com os dois subesquemas do padrão [(SUJ_{P1}) V_{Epist} (QUE)] Parent: [(SUJ_{P1}) V_{Epist} (QUE)] Parent no

PE e [(SUJ_{P1}) V_{Epist}] Parent no PB.

No *corpus*, as construções parentéticas epistêmicas se distribuem entre os seguintes usos: opinião, incerteza/suposição e atenuação. Passamos a ilustrar esses usos com os dados analisados.

Os excertos de (04) a (07) exemplificam os casos de opinião encontrados nos textos do PB e PE:

(04) [...] Já me não animava a citar a Bíblia; tal firmeza mostrei porém na minha vontade, que meu genro compreendeu a inutilidade de abrir luta, a não ser com um rompimento completo e brusco. O pobre rapaz ficou aflito, bem o vi, e na realidade causava-me pena. Parecia ter perdido a cabeça; não se animava a romper comigo por sua vez, nem se queria resignar tampouco à minha inflexível ditadura de sogra; *não que o preocupasse a sua declaração escrita, creio eu, mas porque um rompimento comigo seria a sua desgraça comercial,*

ou pelo menos violento golpe dardejado na sua nova carreira até aí tão próspera. Reconheci que desta vez o sacrifício imposto ao coração de ambos era, com efeito, muito mais sério que das outras, e por isso procurei suavizá-lo não me agastando com as impertinências dele, nem com os ressentimentos de minha filha. (PB, *Livro de uma sogra*, Aluísio Azevedo)

(05) [...] *Filho de presidente do Conselho foi para mim uma vibração de amor-próprio mais forte do que teria sido, imagino, a do primeiro prêmio que o nosso camarada Rodrigues Alves tirava todos*

os anos. Eu sentia cair sobre mim um reflexo do

nome paterno e elevava-me nesse raio: era um começo de ambição política que se insinuava em

mim. (PB, *A Conquista*, Coelho Neto)

(06) [...] - Sim, senhor! Visto isso, o menino, que, depois

da morte dos manos, ficou sendo o filho mais velho da família, gostou talvez muito de ver acabar com os morgados? Sim, como as leis modernas são tão boas, havia de gostar - argumentou o procurador, com ares de finura, como de quem apanhava em falso o seu adversário. Jorge respondeu serenamente: - E porque não? *A abolição dos morgados acho eu que foi um grande acto de justiça e de moralidade;* além de ser uma medida de longo alcance político. - Ai.. ai.. ai.. O que mais terei de ouvir! O menino está perdido.. Pois já me aplaude a maldita lei que há-de dar cabo das famílias mais ilustres do reino... (PE, *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, Júlio Dinis)

(07) [...] Nenhuma, desde o rei Alfredo, se ocupou tão elegantemente dos elegantes cuidados de um interior britânico - gentil quadro de “gênero” como não há outro. *Lady Júlia R. era a mais pequena e a mais bonita súbdita britânica que eu creio que tenha*

*existido. Vista à lua, no meio do seu parque, volteando por entre os raros exóticos que no curto verão inglês se expõem ao ar livre, facilmente se tomava pela bela soberana das fadas realizando aquela preciosa visão de Shakespeare, o “Midsummer night’s dream”. Seus olhos de azul celeste, sempre húmidos e sempre doces, os cabelos de um claro e asedado castanho todos soltos em anéis à roda da cabeça e caindo pelos ombros, espalhando-se pelo rosto, que era uma lida contínua para os tirar dos olhos, um corpo airoso, uma boca de beijar, os dentes miúdos, alvíssimos e apertados, a mão pequena, estreita e de cera. (PE, *Viagens na Minha Terra*, Almeida Garret)*

Em (04) e (05), temos dados do PB. Em (04), vemos a ocorrência da microconstrução **creio eu** para marcar o ponto de vista do locutor acerca da falta de preocupação do rapaz; isso se explicita quando ela expõe “não que o preocupasse a sua declaração escrita **creio eu**, mas porque um rompimento comigo seria a sua desgraça comercial”. Nesse caso, o locutor estabelece uma justificativa antes e depois do uso da microconstrução, possibilitando uma interpretação clara de que tais justificativas servem para ocultar a falta de compromisso com a verdade. Nesse exemplo, embora **creio eu** esteja entre vírgulas (que funcionam como marcador de pausa), essa microconstrução ocorre no final da primeira sentença (“não que o preocupasse a sua declaração escrita”) do período em que se encontra. Sendo assim, a microconstrução tem essa sentença como escopo sintático.

No exemplo (05), **imagino** é usado enquanto parentético de opinião, permitindo que o locutor se descomprometa com a ideia sobre o filho do presidente do Conselho. No contexto comunicativo, o valor de opinião é reforçado pelo emprego da expressão “para mim”. Em (05), **imagino** também ocorre entre vírgulas, mas diferentemente de (04), encontra-se em posição intercalada na segunda sentença do período (“teria sido a do primeiro prêmio que o nosso camarada Rodrigues Alves tirava todos os anos”).

Em (06) e (7), observamos construtos do PE. Em (06), percebemos que **eu acho que** funciona como marca de opinião do falante acerca da abolição dos morgados, que, para ele, foi um grande ato de justiça e moralidade. No exemplo, a microconstrução **eu acho que** está intercalada na sentença (“A abolição dos morgados foi um grande acto de justiça e de moralidade”); todavia, funciona como um parêntese, visto que não é um constituinte sintático da oração em que se encontra.

Já em (7), o uso de **eu creio que** exprime a opinião do falante acerca de quem seria a menor e mais bonita súdita britânica que tenha existido. A microconstrução é utilizada no meio da segunda oração do período (“que tenha existido”), indicando uma opinião daquele que fala, podendo ser entendido como uma preocupação sobre como seu interlocutor recebe essa informação.

Em contextos comunicativos como os ilustrados de (04) a (07), entendemos, com Fortilli (2015, p. 415), “que a

configuração parentética destaca a imagem que o falante quer que o ouvinte faça acerca das suas asserções”. Ainda sobre essa questão, Barbosa-Santos e Fortilli (2018, p. 228) salientam que, atuando como parentéticos epistêmicos, “[...] os verbos cognitivos eleitos aproximam-se mais do âmbito da modalidade epistêmica, uma vez que as nuances semânticas modais tornam-se mais evidentes, ofuscando assim significados que não denotam opinião e crença do falante”.

Passemos à descrição dos casos de construções parentéticas com valor de incerteza/suposição, conforme mostram os fragmentos de (08) a (11).

(08) [...] Bem diz Heloísa que a arte de escrever foi inventada por alguma amante separada do seu amante. Nestas cartas juravam-se os dous sua eterna fidelidade. No fim de dous meses de espera baldada e de ativa correspondência, a tia de Helena surpreendeu uma carta de Simão. *Era a vigésima, creio eu*. Houve grande temporal em casa. O tio, que estava no escritório, saiu precipitadamente e tomou conhecimento do negócio. O resultado foi proscriver de casa tinta, penas e papel, e instituir vigilância rigorosa sobre a infeliz rapariga. (PB, *Frei Simão*, Machado de Assis)

(09) [...] Eu é como tenho resolvido questões desta natureza. - Qual desprezo! Não se mata com desprezo um réptil venenoso; pisa-se-o, reduz-se a papas. Isto é o que fazem os espíritos superiores. Sabes quem é o biltre? - Homem, francamente, confesso-te que não o conheço. Dizem ser um tal Guedes, vulgo Pombinha, um sujeito reles, troca-tintas, um miserável que nem vale a pena de um escândalo.. Não vale a pena? Quebro-lhe a cara, ora se quebro.. Onde fica a tipografia do jornaleco? - *Na rua de São Bernardo, creio eu, uma espécie de toca imunda com ares de latrina*. - Guedes (Pombinha).. rua de São Bernardo. Muito bem! E o Zuza tomou nota do seu canhenho, guardando-o resolutamente. - Diabos me levem se eu não fizer uma estralada hoje. (PB, *A normalista*, Adolfo Caminha)

(10) [...] Enfim quer saber esse caso do túmulo aberto, segundo as quadras do Videirinha? Eu sempre conto! Mas só para a S-a D. Ana, que não sofre desses escrúpulos.. Não! - acudiu D. Maria. - Se o Videirinha tem essa autoridade histórica, então conte também para mim, que sou da Casa. Gonçalo, por gracejo, tossiu, passou o lenço pelos beiços: - Pois eis o caso! Nesse túmulo habitava, naturalmente morto, um dos meus avós.. *Não me lembro o nome, Gutierres ou Lopo. Creio que Gutierres*.. Enfim, lá jazia quando foi da batalha das Navas de Tolosa.. A prima Maria conhece a batalha das Navas, os cinco reis mouros, etc.. Como o tal Gutierres soube da batalha, não contam os versos do Videirinha.. (PE, *A Ilustre Casa de Ramires*, Eça de Queirós)

(11) Mulher admirável e neste ponto de vista superior a quantas conheço. Hoje, como é natural, para lá tenho de ir. Mandeí já saber. Não está melhor. Bertha ainda não sei quando parte nem para onde vai. Provavelmente, **creio eu**, principiará por Paris.

Antônio creio que persiste na ideia de embarcar no dia 15. Dize ao Jeco que está lavrado o diploma do Keller. (PE, *Cartas a Emília*, Ramalho Ortigão)

No exemplo (08), dado do PB, o falante/escritor faz uso da microconstrução **creio eu** para expressar incerteza/suposição a respeito do que é dito sobre a quantidade de cartas. Entendemos que essa situação comunicativa ilustra uma incerteza/suposição pois além da ideia quantitativa, não vemos uma justificativa para o falante/escritor calcular a estimativa de quantidade de cartas referida. Em (08), **creio eu** ocorre no final da sentença mas somente escopa um constituinte dessa sentença, o termo “vigésima”, sobre o qual incide a incerteza da informação veiculada.

Observamos que, em (09), outro dado do PB, o locutor utiliza a microconstrução **creio eu** para demonstrar que não tem certeza a respeito do lugar “onde fica a tipografia do jornaleco”. Nesse caso, faz descrição do lugar como sendo “[...] Na rua de São Bernardo, **creio eu**, uma espécie de toca imunda com ares de latrina [...]”. O alvo da incerteza é o constituinte sintático “Na rua de São Bernardo”.

Em (10) e (11), excertos extraídos do PE, podemos perceber mais dois exemplos do uso parentetizado com valor de incerteza/suposição. Em (10), o falante, ao empregar a microconstrução **creio que**, se mostra incerto acerca do nome da pessoa referida, não sabendo se ela se chama Gutierrez ou Lopo. A microconstrução empregada escopa o constituinte “Gutierrez”.

Já em (11), temos uma cena comunicativa com a ocorrência de **creio eu**: o falante sabe que Bertha viajará, porém não para onde, desse modo, termina supondo que principiará por Paris. Nesse exemplo, a suposição fica ainda mais evidente pelo fato de a microconstrução **creio eu** aparecer após o uso de “provavelmente”.

Os construtos do PB e PE servem de evidências empíricas da asserção de Carvalho, Carneiro e Magalhães (2020, p. 113) de que “contextos relacionados à veiculação de informações associadas não só a tempo mas também a lugar e quantidade de coisas, pessoas favorecem o uso do marcador de incerteza”.

Por fim, discutimos os casos de atenuação (12), (13) atestados na amostra.

(12) [...] A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se invés-

fácil acolhimento e boa extração; raras são aqui tiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, e se

desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam. O ROMANCE De todas as formas várias as mais cultivadas atualmente no Brasil são o romance e a poesia lírica; a mais apreciada é o romance, como aliás acontece em toda a parte, **creio eu**. São fáceis de perceber as causas desta preferência da opinião, e por isso não me demoro em apontá-las. Não se fazem aqui (falo sempre genericamente) livros de filosofia, de lingüística, de crítica histórica, de alta política, e outros assim, que em alheios países acham

essas obras e escasso o mercado delas. O romance pode-se dizer que domina quase exclusivamente. (PB, *Textos críticos*, Machado de Assis)

(13) Amaro curvou-se, servilmente. - O Sr. padre Amaro, disse o conde de Ribamar, foi criado de pequeno em casa de minha sogra. Nasceu lá, creio eu.. - Saiba o senhor conde que sim, disse Amaro, que se conservava afastado, com o guarda-sol na mão. - Minha sogra, que era toda devota e uma completa senhora - já não há disso! - fê-lo padre. Houve até um legado, **creio eu**.. Enfim, aqui o temos pároco.. Onde, Sr. padre Amaro? - Feirão, excelentíssimo senhor. (PE, *O Crime do Padre Amaro*, Eça de Queiroz)

Em (12), exemplo do PB, temos a microconstrução **creio eu**, que funciona como um recurso de suavização da informação sobre o gênero romance, sobre o fato de esse gênero ser o mais apreciado em toda a parte do mundo. Ao empregar **creio eu**, o locutor atenua a informação fornecida, reduzindo a sua responsabilidade sobre ela. No contexto, a microconstrução ocorre no final da sentença “como aliás acontece em toda a parte” e tem escopo sintático e semântico sobre essa sentença.

Em (13), temos mais uma ocorrência de parentético com valor de atenuação. No excerto em questão, extraído do PE, a microconstrução **creio eu** é empregada para diminuir a força expressiva do que foi dito, evitando assim o comprometimento do falante quanto à veracidade da existência do legado mencionado por ele. Da mesma forma que ocorre em (12), **creio eu** também se encontra na posição final de uma sentença (“Houve até um legado”), escopando essa mesma sentença.

Observando o emprego de **creio eu** em (12) e (13), podemos evidenciar que os parentéticos epistêmicos, conforme afirma Silva (2014, p. 30), “[...] vão atuar como os elementos que colocam em prática a modalização no discurso”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, fundamentando-nos na LFCU, descrevemos as construções parentéticas epistêmicas de base verbal nas variedades brasileira e europeia do português do século XIX. Restringimos a nossa análise às construções parentéticas com os verbos **achar**, **crer**, **imaginar**. Na amostra analisada, tais construções se distribuíram por quatro subesquemas: [VE_{pist} SUJ_{P1} QUE] Parent; [VE_{pist} SUJ_{P1} QUE] Parent; [VE_{pist} SUJ_{P1} QUE] Parent; [VE_{pist} SUJ_{P1} QUE] Parent.

Como resultados obtidos na pesquisa, constatamos que:

(i) os verbos **achar**, **crer** e **imaginar** já ocorriam como parentéticos epistêmicos no PB e PE do século XIX;

(ii) todavia, nas duas variedades do português, esses três verbos, em construções parentéticas epistêmicas, ainda não exibiam, na sincronia examinada, uma alta produtividade no que diz respeito à extensibilidade dos subesquemas construcionais identificados;

(iii) funcionando como parentéticos, eram empregados como marcadores de opinião, incerteza/suposição ou atenuação;

(iv) nos dados do PE, ocorreram esses três usos.

Com esses resultados, como próximo passo da pesquisa, pretendemos partir, inicialmente, para a ampliação do número de verbos cognitivos – **acreditar, supor, julgar, pensar** etc. – que são recrutados pelas construções parentéticas epistêmicas e, posteriormente, para a descrição das construções com esses verbos nas variedades brasileira e europeia do século XIX. Nesse sentido, como agenda de trabalho, buscamos traçar um panorama mais geral das construções em estudo e das suas propriedades na sincronia em questão.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Letícia de Almeida. *Construções parentéticas epistêmicas do português brasileiro em perspectiva pancrônica*. São José do Rio Preto, 2023. 155 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.

BARBOSA-SANTOS, Letícia de Almeida; FORTILLI, Solange de Carvalho. A analogia nos processos de mudança de verbos cognitivos no português brasileiro. *Caderno Seminal Digital Especial*, Rio de Janeiro, n. 30 v. 30, jan-dez, 2018, p. 225-247. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/cadsem.2018.32697>. Acesso em: 21 dez. 2023.

BARBOSA-SANTOS, Letícia de Almeida; FORTILLI, Solange de Carvalho. Aspectos semânticos dos verbos cognitivos *deduzir* e *calcular* no português. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 629-647, jul. 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2199/1817>. Acesso em: 16 nov. 2023.

BARBOSA, Letícia de Almeida; FORTILLI, Solange de Carvalho. Traços polissêmicos do verbo calcular. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 8, n. 2, p. 401-418, maio/ago, 2018. Disponível em <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1159/503>. Acesso em: 02 março 2024.

CARVALHO, Cristina dos Santos. De cláusulas matrizes a construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem construcional. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, v. 27, n. 55, p. 17-41, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43832/25053>. Acesso em: 04 março 2024.

CARVALHO, Cristina dos Santos; BRAGA, Maria Luíza. Construções parentéticas epistêmicas em variedades do português: uma visão construcional. In: CARVALHO, Cristina dos S.; LOPES, Norma da S.; RODRIGUES, Angélica. (Orgs.). *Sociolinguística e funcionalismo: vertentes e interfaces*. Salvador: EDUNEB, 2020. p. 169-199.

CARVALHO, Cristina dos Santos; CARNEIRO, Antonio Ralf C.; MAGALHAES, Wesley Silva. Construções parentéticas epistêmicas no português angolano e moçambicano: convergências e divergências, *Estudos de língua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 18, n. 1, p. 105-123, jan-abr. 2020. ISSN: 1982-0534. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6100>. Acesso em: 04 março 2024.

CARVALHO, Cristina dos Santos; OLIVEIRA, Marta Mascarenhas de; ALMEIDA, Eduardo Ferreira dos Santos. *Imaginar, calcular e deduzir em construções parentéticas epistêmicas no português brasileiro e europeu contemporâneo*. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA - CNLF, 25, 2022, Rio de Janeiro. *Cadernos do CNLF*, v. XXV, n. 3, Rio de Janeiro: CIfEfiL, 2022. p. 398-414. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxv_cnlfi/index.html. Acesso em: 04 março 2024.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português*. 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 01 nov. 2023.

FORTILLI, Solange de Carvalho. Parentetização de verbos de atividade mental no português falado e escrito. *Revista Philologus*, ano 21, n. 61: Anais do VII SINEFIL. Rio de Janeiro, 2015.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da linguística funcional centrada no uso. *Revista do GELNE, [S. l.]*, v. 15, n. 1/2, p. 53-78, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9410/6764>. Acesso em: 04 mar. 2024.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p. (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem).

SILVA, Josiana Aparecida da. *Modalizadores epistêmicos parentéticos na fala de Chapecó/SC*. 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira do Sul, 2014. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/54>. Acesso em: 04 março 2024.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Maria Angélica Furtado da Cunha. Rio de Janeiro: Vozes, 2021 [2013].